

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Caros Amigos

1. Agradeço o convite que me foi feito, pelos organizadores deste ciclo de conferências - e, em especial aos meus amigos Luís Portela e Gomes de Pinho - para falar em Serralves numa série intitulada "a crítica do contemporâneo". O objectivo é pensar a contemporaneidade e o futuro próximo (20 anos) - o que, hoje, é uma eternidade - com políticos, ecologistas e sociólogos: 3 séries de 4 conferências, cada, seguidas de debate (perguntas e respostas). Curiosamente não há economistas. Sinal dos novos tempos!

2. A primeira cabe-me a mim - como coordenador da série - e versa, obviamente, sobre a política. Pensar a política em termos da contemporaneidade. Não só a portuguesa, no mundo global em que vivemos, mas, sobretudo - direi - a ibérica, a europeia e a mundial.

3. O tema é vastíssimo, complexo e tem diversas vertentes. Será abordado, depois de mim, em Abril e Maio, por três personalidades marcantes, não só nos seus países, mas no plano global: Fernando Henrique Cardoso, antigo Presidente da República Federativa do Brasil, professor e académico, que acaba de ser designado correspondente da Academia de Ciências de Lisboa; Michel Rocard, antigo primeiro ministro de França de um dos Governos de François Mitterrand e actual deputado europeu; e Federico Mayor Zaragoza, antigo ministro da Educação de Espanha, ex-Director-Geral da Unesco (por 14 anos) e actual co-Presidente da "Aliança de Civilizações", designado pelo Presidente do Governo de Espanha, Rodriguez Zapatero.

Todos têm uma experiência política invulgar. São autores de reflexões e estudos originais sobre o futuro dos seus países e do nosso Mundo Global.

4. Começo por notar que, nos últimos anos, tem sido moda, dizer mal da política, dos políticos - considerados pelas pessoas comuns, frequentemente, como falsos, egoístas, desonestos e até, às vezes, corruptos - dos Partidos, cujo papel principal se apresenta como sendo sugar o Estado e da Política, em si mesma, como Ciência e como Prática (ou Arte), vista como uma actividade menor, desprezível, de que se deve fugir...

5. Esta moda foi lançada pela vaga neo-liberal, que considera a mão invisível do mercado como o motor do progresso e da Democracia - o que está longe de ser verdade - e pôs, no centro de toda a vida social, a economia e os negócios. Para os neo-liberais o Estado, quanto mais fraco for, melhor, sem regras éticas, para conceder aos privados total liberdade para se enriquecerem. Quanto mais, melhor. Porque, pensam, que as sociedades são como a selva, em que os mais fortes sobrevivem (leiam-se os mais ricos) à custa dos mais fracos (os pobres) os quais serão eliminados, sem piedade, por ser essa a lei natural. É o que se chama o darwinismo social! Um anti-humanismo e um perfeito disparate!

6. Por mim, sempre pensei, pelo contrário, que a Política é, seguramente, uma das actividades mais nobres do homem, se for pensada e exercida, desinteressadamente, ao serviço do bem comum - ou da Comunidade - orientando-se por valores éticos, tendo em vista as Grandes Causas sociais e ambientais e por regras jurídicas estritas, próprias dos Estados de Direito.

Posso afirmá-lo à vontade e coerentemente. Com efeito, durante trinta e dois anos da minha vida consciente - dos 17 aos 49 anos - exerci, continuamente, uma intensa actividade política, sempre contra a corrente, ao lutar, contra duas ominosas Ditaduras - a de Salazar e a de Caetano - que, a meus olhos e aos da maioria dos portugueses, nunca tiveram qualquer legitimidade, visto se terem apropriado do poder absoluto sem jamais se submeterem a eleições "livres e justas". Muitas vezes fui obrigado a lutar na clandestinidade e, outras, participei em "farsas eleitorais" que só nos serviam para denunciar e desgastar o regime, obrigando-o, depois delas, a sucessivas vagas de terror e opressão. Sofri - como todos os opositores - discriminações sociais, culturais e económicas, passei várias vezes pelas prisões do regime, que não eram doces, estive deportado, quase um ano, na Costa de África (em São Tomé) e, finalmente, fui expulso de Portugal, passando quase quatro anos no exílio, em França, donde regressei, na manhã de 28 de Abril de 1974, após a Revolução dos Cravos. A política, portanto, só me trouxe dissabores graves. Mas resisti e nunca me rendi!

7. Peço me desculpem por ter referido estes factos pessoais, que aliás são conhecidos. Pareceu-me importante fazê-lo para demonstrar que a política pode ser - e é - uma actividade nobre, desinteressada e de grande risco. E não só quando exercida na resistência, ou contra um inimigo externo, mas também na luta contra a Ditadura. Contudo, também em plena normalidade democrática, se correm riscos e é necessária coragem e desinteresse pessoal para enfrentar os difíceis desafios com que qualquer político responsável hoje, necessariamente, se confronta.

8. Também tenho alguma experiência nessa matéria, desde quando regressei a Portugal (em Abril de 1974) até aos dias de hoje. 34 longos anos! Corri riscos, enfrentei desafios complexos, desinteressadamente, tão só ao serviço público, e da visão que tinha - e tenho - para Portugal. Mas não vou continuar por aí. Muitos dos que me ouvem hoje, viveram, mais ou menos, o que eu próprio vivi, quer estivessem ou não com o Partido Socialista. E, portanto, sabem do que falo.

9. Importa tão só notar que ninguém se atreveria, nos anos quentes da Revolução, a dizer que a política era uma actividade egoísta, secundária ou desinteressante. Porque havia ideais fortes, expressos de múltiplas maneiras. Os tempos eram outros. O neo-liberalismo, que veio depois, afirmou-se como ideologia dominante, após a implosão do universo comunista. Quando os neo-cons dos Estados Unidos, desembarçados da "guerra fria", se consideraram, dado o seu poderio militar, sem paralelo na história, invulneráveis. Não eram, como se provou depois. Proclamaram, então, a América como "o império benigno", o "polícia do Mundo" e, conseqüentemente, definiram a doutrina do unilateralismo, em política externa, para marginalizar as Nações Unidas e inventarem as "guerras preventivas" contra os países do chamado "eixo do mal"... Opuseram a "democracia liberal" e a "teologização do mercado" à democracia social e ambiental, dos socialistas, chegando a confundir a democracia com a "mão invisível" do livre mercado...

10. Foi o apogeu do economicismo, com a economia e o desenvolvimento pelo desenvolvimento - sem quaisquer restrições - no centro da vida social. A economia acima da política, abandonando as preocupações sociais, ambientais, éticas e, obviamente, políticas. Os chineses chegaram a proclamar, no auge do seu entusiasmo pelo desenvolvimento e pelos negócios que enriquecer-se, cada um como pudesse, era ser um "bom comunista"...

11. Os resultados desta ideologia, hoje em via de esgotamento, estão à vista. A guerra contra o Iraque, feita por causa do petróleo, foi um colossal desastre, que ninguém hoje contesta. As ameaças contra o Planeta não param de crescer. A pobreza aumentou, mesmo nos países mais desenvolvidos. A concentração da riqueza, nas mãos de cada vez menos, tem uma lógica imparável. O desemprego em aumento incessante; o preço do petróleo a subir; o dinheiro sujo, as off shores e os paraísos fiscais, o colossal déficit externo americano; a queda do valor do dólar; etc. - lançaram os Estados Unidos na mais grave crise financeira, desde o final da II Grande Guerra, como disse Alan Greenspan, ex-Presidente da Reserva Federal. E é de facto a pior! Que está, aliás, a repercutir-se no resto do Mundo. Por outro lado os Estados Unidos estão já em plena recessão económica, embora ainda alguns tenham esperança que não venha a comunicar-se à União Europeia... Chamam-lhe "desaceleração grave". Gravíssima!

12. Perante tantas desgraças e malfeitorias feitas pela administração Bush e pelo neo-liberalismo - alguns falam em crise de civilização. Mas, entretanto, os tempos estão a mudar, uma vez mais. Quase insensivelmente, está a regressar-se ao keynesianismo. Os Estados são forçados a intervir. Necessidade obriga. Face a uma catástrofe natural, como Katrina, entre tantas outras, todos reclamam do Estado, que acuda às pessoas. Mas como? Com que meios? Impõe-se, pois, voltar ao reforço do Estado, interventor e social, com políticas sociais e ambientais coerentes. Ou seja: à Política, com p grande e em força. As eleições presidenciais americanas - e o entusiasmo que despertam na América e no Mundo, aí estão para o demonstrar. É preciso, com efeito, fazer reformas a sério se quisermos evitar tumultos e revoltas incontroláveis. Por isso decidi escrever - dedicado aos jovens - um livro intitulado "O elogio da política"...

13. Claro que quando se fala em Política, fala-se em Democracia, Partidos Políticos, Constituição, Estado de Direito, Cidadania, respeito pelos Direitos Humanos, pelo Ambiente e por Valores, como: a Paz, a Liberdade, a Solidariedade, a Igualdade possível, no plano social, de género e de orientação sexual. Para promover o bem estar social, para todos e o pleno emprego. De forma a evitar a biliões de seres humanos a angústia do dia de amanhã. O que implica o direito ao trabalho, à saúde - e aos serviços de saúde públicos e gratuitos - à formação contínua e à educação dos filhos, à previdência social, na velhice, na doença e no desemprego. São estes valores que os 27 Estados membros da União Europeia partilham e que no Ocidente consideramos universais, mas que em muitos lugares do Mundo ainda o não são. Daí a construção europeia ser a experiência política

mais inovadora e original de sempre e constituir um polo de atracção, sem paralelo, para o resto do Mundo.

14. Sabemos hoje que a Democracia não é só o Direito de Voto - de votar e ser votado - e o livre mercado, que é o que nos Estados Unidos significa Democracia Liberal. É também a Democracia Social e Ambiental e o Estado de Direito. A Democracia, nesta acepção, é a grande utopia do nosso século e é uma questão sine qua non para os países serem membros da União Europeia, embora com imperfeições. Daí a importância do uropeísmo, como ideologia, que é indispensável desenvolver e aprofundar.

15. Contudo, nos últimos tempos, a Democracia, mesmo na União Europeia, perdeu muito do seu vigor. Deveu-se isso aos mesmos efeitos que teve a globalização neo-liberal em muitos políticos europeus, mesmo socialistas. Mas também é devido às revoluções tecnológica e informática do nosso tempo e a alguns efeitos negativos e contraditórios que têm tido.

16. A chamada democracia mediática é uma delas. Porque criou alguns curto-circuitos, difíceis de combater, à democracia representativa. Com efeito, a Comunicação Social, dependente do poder económico e dos seus interesses, debate, à sua maneira, temas de Estado e de Sociedade antes de serem discutidos nos Parlamentos, permitindo-se distorcer os problemas e inquinar os próprios debates. Porquê? Na medida em que a Comunicação Social depende hoje, em muitos casos, mesmo quando pública, do poder económico, quanto mais não seja através do peso da publicidade que exerce toda a espécie de pressões sobre as televisões, as rádios e os jornais, visto que os faz viver. E, neste processo, os jornalistas sérios, são, claro, as primeiras vítimas.

17. Outra questão que afecta a Democracia, e que se relaciona com a anterior, é a dos efeitos perversos do marketing, em matéria das opções políticas dos eleitorados, condicionados pelos media, tanto no que respeita aos políticos, como às políticas e mesmo aos Partidos. Aliás os partidos, sem ideologia, começam a parecer todos bastante semelhantes. Vai levar tempo para que os eleitores aprendam a resistir ao marketing e se habituem a escolher, pelas suas próprias cabeças, os Partidos e os Deputados. Mas lá chegaremos, é inevitável. O exemplo das últimas eleições presidenciais francesas, por exemplo, é esclarecedor. E os resultados da profunda decepção, quando se percebeu o estilo errático do novo Presidente, não se fizeram esperar...

18. O problema principal que afecta o funcionamento dos Partidos - onde o marketing e as chamadas empresas de comunicação, começam a fazer estragos - é o do seu financiamento. As campanhas eleitorais são cada vez mais insuportavelmente caras. O dinheiro é a mola das manifestações, das concentrações eleitorais, e faz as delícias dos especialistas dos aparelhos partidários, que as organizam, quando não são empresas de comunicação, sem qualquer ideal político. Servem quem mais paga.

Ora, todos os subsídios financeiros, que os Estados dão aos Partidos, e muito bem, para o regular funcionamento da Democracia - em princípio para se manterem independentes do poder do dinheiro - devem ser conhecidos. É importante que tudo quanto se refira a cada eleição, no plano dos gastos, seja de uma transparência total e que as contas prestadas e fiscalizadas possam tornar-se rapidamente públicas. É a maneira mais eficaz para assegurar a genuinidade do sufrágio.

19. Os Partidos têm má reputação, porque deixaram que os ideais, que os justificam e fundamentam, fossem secundarizados ou mesmo esquecidos.

A mudança dos símbolos e da côr das bandeiras, são um sinal, incontestável, disso mesmo. Mas é preciso que se reafirme que "sem Partidos não há Democracia". Embora os Partidos - é certo - não esgotem a Democracia. Há movimentos, mais ou menos espontâneos, de opinião - que surgem em momentos excepcionais ou de crise política ou institucional - e que depois se desfazem ou se transformam em novos Partidos, quase sempre sem êxito. Há cisões partidárias que fracturam os Partidos. Mas têm ficado por aí. Há clubes de reflexão política, que podem ter um papel importante, influenciando os Partidos e os Governos. Há Organizações Não Governamentais (ONGs) em defesa dos Direitos do Homem, Ambientais ou outros, que visam a defesa de interesses políticos nacionais e internacionais e que gozam de grande prestígio. Há tudo isso. Mas nada substitui a importância decisiva dos Partidos em Democracia, com bases ideológicas, sociais e ambientais sérias.

20. A Política, no sentido mais nobre do termo, tem a ver com a administração do Estado - mesmo quando, como no caso português, o Estado prescindiu de alguns atributos nacionais de soberania. Para estar integrado na União Europeia e ter mais peso no Mundo. Contudo, a União Europeia ainda não evoluiu para uma Federação, Confederação ou, menos ainda, para um super

Estado. Continua, por falta de coragem dos seus dirigentes, um híbrido institucional. No entanto, para Portugal a adesão à União foi extremamente importante, até para aprofundar uma visão geoestratégica relativamente ao futuro do nosso Estado Nação. Não há política que se preze que não tenha uma visão coerente para o futuro da sua terra e grande respeito pelo que chamo "ética republicana", a que os Políticos e os Partidos devem, voluntariamente, sujeitar-se.

21. É disso que vos vou falar agora, para terminar, visto que uma das temáticas do nosso Ciclo de Conferências, diz respeito (cito) "a pensar a contemporaneidade, em termos de futuro".

Nesse sentido, aproveito para vos dizer que me considero um patriota, palavra que parece ter caído um pouco em desuso. Isto é: um apaixonado pelo país em que nasci e em que espero morrer. Pela sua gente, pelas suas paisagens, pelo mar com que convivemos, pela nossa luminosidade, inconfundível, pela língua, que falamos, pelo vasto espaço da Lusofonia a que pertencemos, pela excepcionalidade da nossa História, com todas as suas "Misérias e Grandezas", como escreveu Aquilino. Sou um patriota, mas não um nacionalista, longe disso, porque me sinto cidadão português, ibérico, europeu e mesmo, se não for pretensioso dizê-lo, cidadão do mundo. Por isso, sou patriota ao mesmo tempo que internacionalista, sem que veja nisso qualquer contradição.

22. Conheço o nosso Povo, no seu génio e na sua desventura, nas suas diversidades e unidade intrínseca. Sempre fui capaz de me entender com toda a espécie de gente, mesmo nas prisões comuns, pouco recomendáveis, onde também uma vez me puseram. Como os emigrantes, espalhados pelas sete partidas, que nunca perderam o amor à Pátria, e que sonham, um dia, regressar. Tenho um sentido global da nossa História de quase nove séculos - muito positivo - que é verdadeiramente incomparável, com cumes de grandeza e baixios de decadência. Pusemos o Ocidente em contacto com o Oriente e aprendemos a conviver com todos. E como disse Pessoa, com ironia e caricaturando: "depois de descobrirmos a Índia, ficamos sem ter nada que fazer"...

23. Por isso, julgo poder assegurar-vos, com objectividade, que Portugal, que nas últimas décadas fez, sem efusão de sangue, uma Revolução de grande sucesso, assim celebrada no estrangeiro e que serviu de modelo a vários outros Estados, é um país de futuro, com enormes potencialidades de desenvolvimento e progresso. O facto de ser um país respeitado e, reconhecidamente, de prestígio na União Europeia e no Mundo, como se viu durante a nossa terceira presidência - e nas anteriores - de ser um país ibérico, politicamente independente, mas integrado no mercado peninsular, tendo excelentes relações com Espanha, que é um Estado plural, e com o vasto conjunto linguístico e afectivo da Ibero América. Mas também por ter sabido criar e pertencer à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que não é só uma Comunidade Linguística, mas também de solidariedades, com oito Estados membros espalhados por quatro Continentes. Por tudo isso, estou seguro que estão a abrir-se-nos portas e oportunidades insuspeitadas, que darão frutos num futuro próximo.

Só é necessário que tenhamos confiança em nós próprios - no nosso Povo e nas nossas elites, sobretudo científicas, culturais e tecnológicas - e que sejamos capazes de moderar o péssimo hábito de dizer mal de nós próprios. Não temos qualquer razão para alimentar complexos de inferioridade.

24. É certo que o ano de viragem de 2008, vai ser um ano difícil. E é já um ano de crise. A nossa vizinha Espanha tem problemas de natureza financeira (a bolha imobiliária) e porventura económica, que poderão ter repercussões negativas em Portugal. É previsível. Por outro lado, a União Europeia ainda não conseguiu superar o impasse político-institucional em que se encontra, desde os vetos contra a Constituição, apesar do Tratado de Lisboa ter constituído um passo em frente, embora as ratificações possam vir a levantar ainda problemas.

25. Todavia, o Mundo no seu conjunto, com os progressos imparáveis da Ciência e das Tecnologias - que a revolução tecnológica informática põe ao alcance de todos - tem condições bastantes, creio eu, para vencer os enormes desafios com que está confrontado: no plano ambiental, das desigualdades profundas entre os humanos, da fome e da pobreza que afligem ainda 2/3 da Humanidade, da crescente escassez de água potável, da crise energética, das pandemias e de algumas outras doenças - que chegaram a estar erradicadas e que estão a regressar - do crime internacionalmente organizado, dos conflitos e guerras, alimentados pelo comércio ilegal de armas, especialmente as atómicas, e sempre pela ganância dos homens...

Apesar de tudo, tenhamos confiança na condição humana, na sua imanente dignidade e na força dos valores do humanismo universalista. Saibamos manter o optimismo e a confiança em nós próprios, para avançarmos e superar as crises.

Essa é a grande superioridade da Política desde a Grécia Antiga e a melhor forma de a exercer, de acordo com Ideais nobres e ao serviço dos nossos concidadãos.

Porto, Fundação de Serralves, 27 de Março de 2008